



Campos dos Goytacazes/RJ

## METAPOESIA HÍDRICA – A DOCE REVOLTA DOS EXPLORADOS

*Lourdes Zunino Rosa*<sup>1</sup>

**RESUMO** - Proibições geram revoltas. Revoltas sempre existirão? Através da história passamos por diversas guerras de dominação de território dos seres que habitavam e dos que seguem habitando nosso planeta. No início guerras geológicas, lutas para sobreviver, o que implica dispor de recursos hídricos. Guerras letais ainda acontecem e votos de paz são renovados a cada passagem de ano. Para ensinar Educação Ambiental propomos o entendimento da nossa origem comum, através da educação inclusiva, adaptativa, cooperativa, tecnológica ou não, mas sempre respeitando a natureza e seus habitantes, sem distinção. Educação que resgata o importante papel dos povos originários e das mulheres na preservação ambiental, nas lutas sociais e na geração de valores. O foco é nossa história recente, mas através da Metapoesia faremos uma viagem no tempo, construindo novas cidades que se adaptam e se regeneram sempre, trazendo conforto e oportunidades. O desafio é ensinar que utopias podem virar realidades. Dizem que é possível tirar água de pedra, plantar rios, plantar ideias que se disseminam com o vento, com a chuva. Uma questão de fé, de persistência, características intrínsecas à maioria dos brasileiros, ou melhor dos habitantes de Pindorama. Porque doce revolta? Leia o artigo.

**ABSTRACT** - Prohibitions spawn revolts. Will revolts always exist? Throughout history we have gone through several wars of territory domination by the beings that inhabited and those who continue to inhabit our planet. At the beginning of geological wars these were struggles to survive, which implied having water resources. However, lethal wars still happen, as well as wishes for peace are renewed every year. To teach Environmental Education we propose the understanding of our common origin, through inclusive, adaptive, cooperative, technological education or not, but always respecting nature and its peoples without distinction. Education that redeems the important role of original people and women in environmental preservation, in social struggles and in the generation of values. The focus is on our recent history, but through Metapoetry we will travel back in time, building new cities that are always adapting and regenerating, bringing comfort and opportunities. The challenge is to teach that utopias can become realities. They say that it is possible to draw water from a stone, plant rivers, plant ideas that spread with the wind, with the rain. A matter of faith, persistence, intrinsic characteristics of most Brazilians, or rather the inhabitants of Pindorama. Why sweet revolt? Read the article

**Palavras-Chave:** Educação Ambiental, Cidades do Futuro, Metapoesia / Ancestralidade

1) Dsc. PET/COPPE/UFRJ em Transportes Sustentáveis. Msc. FAU/UFRJ em Conforto Ambiental. Diretora da MEI Australopitecas a Tribo (Ensino entre outras especialidades). Rua João Alfredo 54 bloco B apto 502, cobertura, Tijuca, Rio de Janeiro. CEP 20511390. Contatos: (21) 979830778 (21) 920172853 [lourdes.zunino@gmail.com](mailto:lourdes.zunino@gmail.com)





Campos dos Goytacazes/RJ

O Inea tem sedes regionais que recebem visitas de escolas e ações educativas, bastando para isso agendar com antecedência. Participei do projeto e execução de algumas sedes, destaco a Estação Estadual Ecológica de Guaxindiba (EEEG 2023). Jardins, hortas, tetos e paredes verdes, contribuem na criação de microclima agradável durante o ano todo. Usamos energia solar em postes de iluminação do entorno da sede e em painéis no teto das edificações. Um gerador de energia eólica aciona a bomba que leva água de reuso as descargas sanitárias. O biodigestor, técnica milenar para tratamento de esgoto, foi o lugar que mais chamou atenção das crianças na inauguração em 2013, pelo encantamento dos tanques com peixes e plantas, o que continua acontecendo (figuras 2 e 3).



Figuras 2 e 3 – Desenho de apresentação do projeto EEEG e o biodigestor hoje (EEEG 2023)

Ensinar através de experiências práticas, traz maiores chances de impactar positivamente e absorção do conteúdo. Meu tema de doutorado - Parque Vivencial como Ferramenta Educacional de Incentivo à Mobilidade Urbana (2007), pode ser implantado de diversas maneiras, em diversos locais. Pode recuperar um local público ou privado abandonado, com mutirão da comunidade e de empresários. Pode acontecer aos finais de semana em espaços ociosos de escolas. Pode se estruturar em locais impactados pela mudança de uso e desflorestamento, criando sementes que resgatem valores ancestrais. No Parque brincadeiras mostram a importância de se deslocar com sua própria energia, andar de bicicleta, de patinete ou a pé, mantendo-se com boa saúde. Aprender de forma lúdica que o motor a explosão é uma das mais graves causas da poluição atmosférica. Entender a importância da permeabilidade do solo para evitar alagamentos urbanos. O objetivo do Parque é a formação de massa crítica para a criação das Bio Células Urbanas, ou Cidades do Futuro, construídas com a natureza e não contra ela.

Participei de alguns projetos de Infraestrutura Verde, como o Rio + Verde (2009) e disseminando a Construção Sustentável, como o projeto em parceria com o ICLEI-Brasil e Governo do Rio de Janeiro (2010), além da participação como professora em cursos de pós graduação.



Campos dos Goytacazes/RJ

Diversas iniciativas propagam boas práticas, como as que transformam resíduos em arte (Vik Muniz), em instrumentos musicais (ReciclaSom, Funk Verde), pranchas de surf (Projeto Eco Garopava) e até base para moradias flutuantes, dentre centenas de soluções construtivas econômicas que pactuam pela correta coleta de resíduos e evitam o impacto nos corpos hídricos e na vida.

Aquela frase que continuamos escutando – sabe com quem está falando? – quando dirigida a um negro, indígena ou a um humilde agricultor, agora precisa ter a resposta certa: Falas com alguém que descende do povo Banto, que nos trouxe Pelé e tantos outros craques do futebol. Falas com alguém que descende dos povos originários desta terra fértil, que nos trouxe o conhecimento das ervas que curam, base da maioria dos remédios vendidos nas farmácias. Falas com alguém que ensinou a destreza do arco e flecha, a caçar com armadilhas, a cuidar das florestas. De seus batuques herdamos o Carnaval e a Capoeira, hoje ensinados em escolas de todo o planeta. De sua sabedoria e persistência, herdamos a riqueza de nossas matas e mananciais.

Pequenos produtores rurais do Vale do Rio Paraíba são também exemplos de boas práticas. Com ajuda de seus filhos que tiveram acesso a cursos técnicos, a universidade, aprenderam como evitar as enchentes, as voçorocas, os cupinzeiros, que sinalizam a devastação feita na Mata Atlântica com monoculturas e gado pastando até em topos de montanhas. Gente que recupera nascentes, planta rios, traz de volta os polinizadores, flores, florestas. São eles os professores de Educação Ambiental e da História de seus ancestrais a ser contada, são os protagonistas.

Setenta por cento do nosso corpo é água. O cientista Masaru Emoto provou com experimentos, a reação de moléculas de água com vibrações de nossos pensamentos e sentimentos (2013). Portanto não faz sentido desejar valores como da cobiça, do domínio sobre o mais fraco. A desigualdade social é tanta que pessoas são capazes de matar ou morrer por um celular ou um carrão sinônimo de poluição. Mas acredito que nossa maior qualidade é a arte, sobretudo cantar e dançar. Fundamental é admitir que a história tem sido escrita por quem vence a guerra e é hora de revisar o que nos foi ensinado por séculos.

No portal Primeiros Negros (2023) um selo leva a atividades didáticas inclusivas e cita a lei publicada em março de 2008, Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatória a abordagem da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no ensino básico em todas as escolas do país. A primeira modificação das Diretrizes em 2003 incluía os negros, a segunda em 2008 incluiu os indígenas. Vinte anos se passaram desde a primeira modificação. Está realmente sendo seguida?



Campos dos Goytacazes/RJ

Lideranças indígenas tiveram seus nomes destacados recentemente seja como escritores, políticos, ativistas, dentre outras profissões. Samela Sateré Mawé defende território e meio ambiente através de sua fala, que sintetizou na frase: “Nada é por nós sem nós” durante a COP 27, Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas. O projeto Colabora e outros portais disponibilizam informações sobre Mawé (2003). Ailton Krenac, autor de diversos livros, é referência de antropologia e filosofia aqui e no exterior. Seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” é *bestseller*. Lançado originalmente em 2019 com resumo de suas palestras em Portugal, está em 2<sup>a</sup> edição e 1<sup>o</sup> lugar em ranking que aborda a preservação do planeta. Em dezembro de 2021 Aílton foi nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília (UnB). O mesmo título foi concedido pela Universidade em março de 2022 para a filósofa e escritora Sueli Carneiro, primeira mulher negra a receber este título pela UnB.

A doce revolta dos explorados se dá através de sua força ancestral. Escravas libertas logo após a abolição, passam a vender os doces que antes eram obrigadas a fazer. São as primeiras empreendedoras! Os Povos Originários querem e devem participar da EA nas nossas escolas.

É possível achatar a pirâmide sócio econômica com muita vontade de estudar, empreender, transformar resíduos, da natureza cuidar. Já plantou uma árvore? Já parou para escutar passarinho? Os avisos que a natureza manda pela terra, ar e água? Não se deixe afundar com desânimo ou calúnias, acredite em seus sonhos!

## **PASSADO - AUTRALOPITECAS E SUAS TRIBOS**

A Terra se formou a 4 bilhões de anos atrás, com um núcleo de fogo, rochas de toda sorte, muita água e atmosfera com várias camadas de gases protetores. Temos muita sorte.

Evoluímos de ínfimas células que se transformaram em seres que nadam, rastejam e voam. Sintetizando esse processo, vamos considerar que alguns desses seres tornaram-se gorilas, depois os famosos homens de Neandertal. Quando ficamos eretas carregando nossos bebês, nos tornamos Australopitecas (simplificando o termo grego *Australopithecus*). Passamos de caçadores e coletores a fase da agricultura, construindo núcleos urbanos e somos até o momento Homo Sapiens.

Consideremos (há divergências entre cientistas) o surgimento do *Homo Sapiens* há cerca de 150 mil anos e dos *Australopithecus*, cerca de 2 milhões de anos atrás. Eram sociedades matriarcais. Como eram as fêmeas que pariam novos indivíduos da tribo, tinham de certa forma o comando. Cuidavam e davam conselhos, como seguem fazendo as mulheres. Sempre desejando o melhor para



Campos dos Goytacazes/RJ

os seus filhos. Minha hipótese de trabalho está na diferença dessa evolução, fêmeas dando ordem no terreiro durante 2 milhões anos, menos 150 mil anos quando nos tornamos Sapiens e os machos ficaram sabidos e resolveram dominar e não mais compartilhar. O tom é lúdico, mas o feminicídio é assunto sério.

No Piauí, na serra da Capivara, foram encontrados vestígios da presença humana a cerca de 40/50 mil anos atrás, preservados no belíssimo Museu da Natureza e Fundação do Homem Americano, inaugurado em dezembro de 2018, graças a garra da pesquisadora franco brasileira Niede Guidon. Incentivo a visita ao lugar. Comece pela *web* usando como palavra-chave Fundham (2023). São diversas abas para se encantar, intrigar e ficar com vontade de ir até lá.

A pesquisa arqueológica começa no Brasil do século XIX com Peter Lund e é graças ao incentivo deste pioneiro que temos preservado o fóssil de Luzia, com cerca de 12 mil anos, na Lapa Vermelha, Minas Gerais. Temos belos sítios arqueológicos abertos à visitação em todo Brasil. Visitei alguns e outros espero ainda visitar. Um imenso patrimônio, a ser melhor explorado em termos educacionais, com turismo cultural e de aventura.

Aventuras encontramos na fala de Timei Assurini (2023). Na Agenda AWAETE é possível viajar no tempo. Um gráfico mostra parte dessa história entre 1894 e 1982. Vídeos contam histórias ancestrais. Descubra como indiozinho viu seu parente deixar presentes para os cortadores das arvores e serem envenenados por sua maldade. História de animais, sementes, plantas, construções, decoração, arte. E como tudo isso se relaciona com o despertar da consciência.

Não faça como o colonizador Marques de Pombal que impôs a língua portuguesa e proibiu o ensino das linguagens existentes então, cada uma expressando sua forma de ver e entender o mundo. Eram cerca de 1300 línguas indígenas brasileiras, hoje 180 conforme o ISA, Instituto Socio Ambiental, que atua em prol da preservação das comunidades amazônicas e seus territórios (2023).

Na Aldeia Maracanã, situada ao lado do Estádio do mesmo nome, existe uma Universidade dos Povos Originários. Ali Urutau Guajajara continua a ensinar Tupi, sempre que possível. Nesta aldeia a luta atravessa gerações. O prédio foi construído em 1862 pela nobreza da época. Em 1910 passa a abrigar o Serviço de Proteção ao Índio, liderado por Marechal Rondon, nosso primeiro “indianista”. Em 1953 Darci Ribeiro o transforma em Museu do Índio, que ganha novas instalações em Botafogo em 1977. A partir deste ano o prédio e terreno são abandonados. Diversas etnias em trânsito ou ali nascidos construíram a história da aldeia Maracanã e contribuíram com a construção



Campos dos Goytacazes/RJ

da cultura carioca. As marcas do passado estão todas lá, onde pesquisadores e público continuam sendo bem vindos. Tentaram expulsá-los várias vezes sem sucesso. Fazem parte desta revolta que os impulsiona a continuar. Sonham com painéis solares para cobrir o casarão histórico e abastecer energia de forma sustentável a Universidade dos Povos Originários.

O passado está povoado de mulheres guerreiras negras, indígenas, asiáticas, brancas. As Sufragistas são exemplo singular. O movimento começa no final do século XVIII na Europa pelos direitos de cidadania e se intensifica na Inglaterra com foco no direito ao voto. Elas trabalhavam nas diversas fabricas que surgem com a revolução industrial. São mulheres e crianças transformadas em escravas, bastava ter origem rural, ser pobre, rejeitadas até por ter algum defeito congênito. Naquela época ser diferente era bem pior do que hoje, ainda que a misoginia persista e continue notícia atual.

## FUTURO - METAPOESIA

Vamos fechar os olhos e atravessar o espaço tempo, acompanhando e imaginando esse relato:

Fêmeas passeiam com seus filhotes, conversam sobre as últimas tendencias da moda, como a bolsa de carregar bebê feita com fibra azul trançada de uma planta bem fibrosa, o cânhamo, com alças para o apoio da bolsa no ombro ou na cabeça. As Xamãs da **Tribo Azul** descobriram que esta planta tem propriedades medicinais e dela se extrai um precioso óleo, que misturado com mel, cura feridas profundas. A tribo Azul inventou uma maneira de se transportar no mar ou em rios bem largos, tecendo fibras, imitando asas de pássaros, presas sobre a casca oca de uma árvore, leve e própria para flutuar quase voando.

Já na **Tribo Amarela** a novidade foi a descoberta de corda feita com vários cipós trançados, resultando em uma utilidade durável para o deslocamento mais rápido nas savanas e florestas. Na ponta da corda se amarra uma pedra pesada para que se possa lançá-la longe e na outra ponta uma alça onde se segura bem forte e com um impulso é só se jogar com vontade. A sensação é também de estar voando. E com uma sucessão de voos curtos se chega bem mais rápido à um determinado destino. A **Tribo Vermelha** desenvolveu sofisticadas armadilhas para caçar pacas, tatus, cotias, enquanto a **Tribo Verde** inventou uma maneira de conviver com aves, criar filhotes de estimação, que em troca lhes dão plumas que enfeitam as roupas confeccionadas para ocasiões especiais.

Passaram-se alguns milhões de anos e **Tribos do Frio** descobriram uma Passagem onde era possível viajar no tempo. Para isso bastava entrar em uma espécie de casulo, se colocar em posição



Campos dos Goytacazes/RJ

confortável e meditar. Cantando mantras poderosos, os viajantes do tempo escolhiam seus percursos. Os relatos de quem passou pela experiência, são fantásticos. Contam que viram de perto as cores do Arco-Íris, muitos sóis, explosões multicoloridas, disseram que raios luminosos permeiam a viagem. As **Tribos do Equador** criaram instrumentos de percussão singulares e também de sopro que fazem sons graves e agudos que conseguem acordar qualquer um, enquanto outras tribos desenvolveram instrumentos de corda com cabaças e troncos. Cada um mais lindo que o outro.

Quando todos se juntam, os tambores avisam com antecedência para dar tempo ao deslocamento dos que preferem caminhar. Algumas tribos chegam montadas em lindos cavalos selvagens, outras vem voando no dorso de aves grandes e gentis, outras chegam de canoa de todos os tamanhos ou simplesmente nadando. Algumas pessoas chegam em instantes, bastando entrar no casulo que faz deslocamentos no tempo. E é claro, tem sempre aqueles que chegam atrasados por motivos diversos. Todos são bem vindos e trazem alimentação e bebidas para compartilhar. Muitos animais são atraídos pela beleza das músicas criadas por seres alados, aquáticos e terrestres.

Músicas delicadas, cantos sofisticados contam feitos inspiradores. Músicas que passavam a repetir, como forma de propagar a beleza de um lugar, as virtudes de uma aldeia e seus moradores, a cooperação que estruturou um conjunto de abrigos, onde a alimentação é farta, as feiras de troca aconteciam com festas de celebração dos amores e paz conquistada. Sim, as vezes surgiam guerras por conquista de espaços privilegiados pela natureza, mas com o tempo entenderam que havia espaço para todos. Alguns se isolavam e não aceitavam os diferentes. Atacavam os invasores do local que determinaram como exclusivamente seu, e de lá supriam suas necessidades. Decidiram não compartilhar e foram respeitados pelos demais.

Havia também as tribos que cuidavam somente das plantas medicinais, estudavam seus efeitos fitoterápicos e possíveis reações adversas. Cruzar com parceiros destas tribos era um desejo de 9 entre 10 *Gorilas Star* da época. Eram as Super Australopitecas, ou Mulher Maravilha, Mohana, Gatas, Panteras, Princesas e Rainhas do Bem, enfim, incontáveis heroínas que surgiam e continuam a surgir de tempos em tempos.

As tribos seguem cada vez mais coloridas e misturadas. As cidades mais verdes. Ruas permeáveis, muitas árvores frutíferas e bosques sombreiam os caminhos e praças. Em várzeas onde no passado haviam enchentes, hoje se mora nas enormes Árvores Habitação com passarelas elevadas que interligam caminhos para acessar serviços básicos da população. Há transporte adequados,





Campos dos Goytacazes/RJ

aéreos, terrestres, subterrâneos. Montanhas com Moradas/Cavernas onde a temperatura é sempre amena, pois tiram partido das nascentes, dos ventos formados pela diferença de pressão, temperatura estável de abrigos dessa natureza. São interligadas por cultivos de alimentos e vegetação abundante. Determinadas árvores e plantas tem funções fundamentais nestes núcleos urbanos. Podem emitir luz e limpar rejeitos. As que emitem luz são uma evolução de descobertas científicas com moléculas como a luciferase. Basta cuidar destas plantas com carinho, que felizes vão produzir mais luz.

Na serra da Bocaina, a nascente do Rio Paraíba é protegida pelos moradores que seguem celebrando festas como o Congado, com sua Realeza Negra, agradecendo a fartura da colheita, a beleza das cachoeiras, do ar puro, da sombra para descansar e meditar. Para visitar o local pode-se utilizar Linhas Aéreas com veículos elétricos sustentados por poderosos drones. Ou usar o transporte público com trens que flutuam sobre trilhos com a ação do eletromagnetismo. O transporte individual ainda existe, mas agora movidos com a eletricidade obtida nos estacionamentos solares, ou com biocombustíveis, dentre tantas outras fontes não poluentes de energia.

As mulheres são novamente as protagonistas. Coordenam as Cooperativas de Produção e Educação, onde a violência opressora entre pessoas, animais e natureza foi superada. Todos cuidam dos recursos naturais e da limpeza de suas moradas, desta maneira preservando também sua saúde e o planeta. Sábios observam o universo e seguem transmitindo sua filosofia e valores culturais.

## CONCLUSÕES

Precisamos parar de nos agredir. Temos capacidade de negociar para não mais guerrear e sim minimizar conflitos, aprendendo a conviver com nossas diferenças. Em palestra na Universidade Zumbi dos Palmares, a viúva de Nelson Mandela, Graça Machel (2022) pede mais indignação e propõe que empresas se estruturam por setores da economia, identificando e planejando melhor como remover as barreiras, construindo indicadores de progresso por segmento, por região do país. Essa é a fórmula para achatar a pirâmide sócio econômica, que através dos séculos tem matado muito mais que pandemias como a COVID 19. Sua fala me faz pensar no Comércio de Carbono, surgido durante as COP, que subsidiam parte de nossas ações culturais e governamentais. Humberto Eco tinha razão quando previu que um dia viveremos de nossos empreendimentos em lazer e arte. Os robôs vão fazer a parte chata, e nós continuaremos a inventar máquinas que nos auxiliem a viver mais e melhor. Urge regular a Inteligência Artificial e a difusão da informação que busca a verdade.



Campos dos Goytacazes/RJ

“O futuro é uma semente germinada” diz o podcast Casa Floresta (2023). Vamos respeitar a diversidade, nossos ancestrais, desafiar regras dos que nos dominam, vencendo o medo, criando novas ordens onde Gaia e os Povos Originários são protagonistas.

**REFERÊNCIAS** Observação: A maioria das referências são pesquisas em portais na internet facilitando e incentivando o acesso do leitor a aprofundar informações.

ANA (2019). Conjuntura Recursos Hídricos Brasil. Informe anual da Agência Nacional de Águas. Brasília-DF. Disponível em: <http://18.229.168.129:8080/publicacoes/ana/Conjuntura-2019.pdf>

ASSURINI (2023). Agenda Awaete. Disponível em: <https://marytykwawara.github.io/sobre/>

CASA FLORESTA (2023). Disponível em: <https://linktr.ee/podcastcasafloresta>

EEEG (2023) Estação Estadual Ecológica de Guaxindiba. Disponível em: <https://web.facebook.com>

EMOTO, M. (2013). O Poder da Água. Cientista concede entrevista a TV SUPREN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2F8uQMET4Ko>

FUMDHAM. (2023) Fundação Museu do Homem Americano. Parque Nacional da Serra da Capivara. Disponível em: <http://fumdham.org.br>.

LEITE, A.F. (2019) Inundação como norteador de práticas educativas com alunos da rede pública em Ururá, Campos dos Goytacazes. Edições Giramundo.

MACHEL, G. (2022) Palestra no 2º Fórum Internacional Empresarial pela Equidade Racial na Universidade Zumbi dos Palmares, SP.

MAHIN, L. GELEDES Instituto da Mulher Negra (2023). Disp. em: <https://www.geledes.org.br>

MAWE, S.S. (2023) # Colabora. Disponível em: <https://projetcocolabora.com.br/author/samela-satere-mawe/>

PRIMEIROS NEGROS (2023). Africanos, os primeiros na escrita. Disponível em: <https://primeirosnegros.com>

ROSA, L.Z. (2007). Parque Vivencial como Ferramenta Educacional de Incentivo à Mobilidade Urbana. Tese de Doutorado, PET, COPPE, UFRJ. Disponível em: [observatoriodabicicleta.org.br](http://observatoriodabicicleta.org.br)

ROSA et al. (2009). Rio + Verde. Proposta de implantação de percurso Floresta – Lagoa – Mar como modelo para criação de Infra Estrutura Verde na cidade do Rio de Janeiro.

ROSA et al. (2010). Teorias e Práticas em Construções Sustentáveis. Governo do Estado do Rio de Janeiro e ICLEI-Brasil. Disponível em: [Teorias e Praticas em Construções Sustentáveis No Brasil | PDF | Energia solar | Sustentabilidade \(scribd.com\)](https://www.scribd.com/document/38111111/Teorias-e-Praticas-em-Construcoes-Sustentaveis-No-Brasil)

SIGA CEIVAP (2023). Sistema de Informações Geográficas e Geoambientais da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. Disponível em: <http://sigaceivap.org.br/>